

LA MUERTE, EL MORIR Y EL LUTO COMO EXPERIENCIAS DE APRENDIZAJE DE LA CONDICIÓN HUMANA

¹Paulo Sérgio Raposo da Silva
pauloraposo10@gmail.com

^{1,2} João Bosco Filho
boscofilho38@gmail.com

¹Josineide Silveira de Oliveira
josilveira02@gmail.com

³Claudia Millena Coutinho da Câmara
millenaccamara@hotmail.com

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – Brasil.

²Faculdade Uninassau Natal/RN – Brasil.

³Núcleo de Apoio Apego e Perdas

Recibido: 14/10/2018 Aprobado: 22/11/2018

Resumen

Las personas se vuelven personas a través de otras personas, y son en esa circularidad aparentemente ingenua que se desarrollan las discusiones sobre la finitud del hombre, al final la muerte, el morir y el luto son experiencias compartidas y, por así, sus implicaciones dicen siempre respecto a todos y cada uno, indistinta, directa e indirectamente. En ese sentido, el trabajo en cuestión tuvo por objetivo reflexionar sobre la muerte, el morir y el luto como experiencias de aprendizajes de la condición humana. Por más que se reconozca la interrelación entre las tres, este trabajo distingue la muerte, el morir y el luto, experiencias humanas que expresan la naturaleza de los afectos y la complejidad de los sujetos y sus temores. Así pues, conceptualiza cada una de ellas y discute sus desdoblamientos en la vivencia de los sujetos. La finitud humana y la desesperación que la conciencia de ello produce, trae desafíos a los sujetos que necesitan, urgentemente, colocarlos en sus pautas de reflexiones, al final, al ejercitar las narrativas sobre la muerte, el morir y el proceso de duelo, estos posibilitan vivir aprendizajes importantes, principalmente en el contexto de la entereza del ser y de su compleja condición humana. Los aprendizajes producidos a partir de las reflexiones sobre esos temas necesitan ocupar los diversos lugares de la convivencia humana. Es preciso estar atento a las lecciones que la muerte, el morir y el proceso de duelo tiene que ofrecernos para que podamos reconstruir la condición humana, tan devastada por las fragmentaciones que aún operan en el proceso de vivir contemporáneo.

Palabras clave: Muerte. Die. Luto. Humana.

DEATH, DYING, AND MOURNING AS LEARNING EXPERIENCES OF THE HUMAN CONDITION

Abstract

People become people through other people, and it is in this seemingly naive circularity that the discussions about the finitude of man are developed, after all death, dying and mourning are shared experiences and, so to speak, their implications say always respect for each and everyone, indistinctly, directly and indirectly. In this sense, the work under consideration aimed to reflect

on death, dying and mourning as learning experiences of the human condition. As much as the interrelation between the three is recognized, this work distinguishes death, dying and mourning, human experiences that express the nature of affections and the complexity of subjects and their fears. Therefore, it conceptualizes each one of them and discusses its unfolding in the subjects' experience. The human finitude and the desperation that the consciousness of this produces, challenges the subjects who urgently need to place them in their reflective guidelines, after all, in exercising the narratives about death, dying and the process of mourning, these make possible live meaningful learning, especially in the context of the wholeness of being and its complex human condition. The learning produced from the reflections on these themes must occupy the different places of human coexistence. It is necessary to be attentive to the lessons that death, dying and the process of mourning have to offer us so that we can rebuild the human condition, so devastated by the fragmentations that still operate in the process of contemporary living.

Keywords: Death. Die. Mourning. Human.

A MORTE, O MORRER E O LUTO COMO EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGENS DA CONDIÇÃO HUMANA

Resumo

As pessoas tornam-se pessoas por meio de outras pessoas, e são nessa circularidade aparentemente ingênua que se desenvolvem as discussões sobre a finitude do homem, afinal a morte, o morrer e o luto são experiências compartilhadas e, por assim serem, suas implicações dizem sempre respeito a todos e a cada um, indistinta, direta e indiretamente. Nesse sentido, o trabalho em apreço teve por objetivo refletir sobre a morte, o morrer e o luto como experiências de aprendizagens da condição humana. Por mais que se reconheça a inter-relação entre as três, este trabalho distingue a morte, o morrer e o luto, experiências humanas que expressam a natureza dos afetos e a complexidade dos sujeitos e seus temores. Assim sendo, conceitua cada uma delas e discute os seus desdobramentos na vivência dos sujeitos. A finitude humana e o desespero que a consciência disso produz, traz desafios aos sujeitos que precisam, urgentemente, coloca-las em suas pautas de reflexões, afinal, ao exercitar as narrativas sobre a morte, o morrer e o processo de luto, estes possibilitam viver aprendizagens importantes, principalmente no contexto da inteireza do ser e da sua complexa condição humana. As aprendizagens produzidas a partir das reflexões sobre esses temas precisam ocupar os diversos lugares da convivência humana. É preciso ficar atento as lições que a morte, o morrer e o processo de luto tem a nos oferecer para que possamos reconstruir a condição humana, tão devastada pelas fragmentações que ainda operam no processo de viver contemporâneo.

Palavras-chave: Morte. Morrer. Luto. Humano.

Palavras iniciais...

Entre os grandes mistérios que insistem em atormentar e impulsionar reflexões sobre sua ocorrência, a morte permanece como um grande desafio a ser enfrentado pelo homem moderno, e para tanto muitas explicações são construídas buscando compreendê-la, justificá-la e até mesmo eliminá-la do contexto de vida dos seres humanos, afinal, a morte é uma adversária que priva o homem de consumir todas as conquistas produzidas pelos avanços da ciência, levando-

o, segundo Leloup (2001) a vivenciar a crise existencial gerada pelo pensar naquilo que ele chama de “dor à qual não podemos atribuir um sentido”, referindo-se ao morrer.

A presença da morte torna-se ainda mais dolorosa quando se observa que as conquistas da ciência, as quais prometiam levar o humano a fonte de juventude e da vida eterna não se cumpriram e mesmo com todos os avanços essa é uma realidade muito distante. A excessiva valorização da vida, sem muitas vezes reconhecer sua finitude, impõe aos seres humanos conflitos intensos. A condição paradoxal entre vida e morte, representada na mitologia grega por *Eros* (vida) e *Thanatos* (morte) parece se refazer no contexto da contemporaneidade. A luta entre vida e morte tornou-se uma constante na vida do homem moderno, ampliar a vida e postergar a morte tornou-se o grande desejo da sociedade atual. Nesse cenário fica cada dia mais distante um diálogo respeitoso entre *Eros e Thanatos*, embora fique claro nas narrativas mitológicas que um não exista sem o outro.

É imprescindível que novas discussões sobre a vida sejam assumidas na nossa realidade, é preciso sim que *Eros* ao ocupar um lugar de destaque nos discursos acadêmicos, bem como no dia a dia das pessoas, seja repensado, afinal, a própria lógica de negação da morte, portanto, o desprezo por *Thanatos*, acaba por prejudicar um olhar mais consistente para a vida, haja vista que, ao não assumir sua finitude, o humano se expõe em algumas ocasiões a situações que podem prejudicam seus modos de andar a vida.

Podemos citar como exemplo, as posturas de muitos jovens e adolescentes, que certos de sua jovialidade, portanto, de seu potencial de vida, muitas vezes assumem posturas descomprometidas com a própria vida, pois no momento em que consomem álcool e outras drogas e tomam a responsabilidade pela condução de um veículo, estes nada mais do que estão apostando na garantia de sua juventude e vida longas. Se *Eros* encontra-se em evidencia, está na hora de colocamos os dois deuses, *Eros e Thanatos*, para sentar lado a lado no espetáculo único que é viver, tirando assim o manto negro que cobre o olhar para a morte.

Embora a morte tenha sido um tema muito presente em qualquer cultura, afinal o homem tenta significar a morte desde que se compreendeu a vida, a mesma nem sempre foi tão ameaçadora. Embora tenha seu caráter universal, a morte tem o seu significado atribuído de acordo com a matriz cultural de um grupo. “Disso intui-se que a morte se relaciona com a História, com o cenário cultural, religioso e político, possuindo significados reconfigurados de acordo com a experiência humana de cada época” (FRANCO, 2010, p. 25).

Refletindo sobre essa questão, Bertolli (2009) afirma que a experiência de morte acontece para qualquer pessoa, independente de sexo, idade, raça, cor, religiosidade, situação econômica, entretanto, o que vai diferir é significado de morte para cada um, que vai ter profunda relação com as crenças e valores que vão dar sentido ao fenômeno. Um exemplo dessa realidade pode ser observado no âmbito das religiões, que atribuem à morte significados distintos, assim como produzem rituais distintos para vivenciarem a morte dos seus entes queridos. Todas as sociedades, desde as mais antigas até as atuais, criaram diversos sistemas fúnebres pelos quais podiam se entender com a morte em seus aspectos pessoais e sociais. Desde o tempo dos homens das cavernas há inúmeros registros sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas, também, como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio. (KOVÁCS, 1992, p. 2)

A espécie humana é a única para a qual a morte está presente durante a vida, a única que faz acompanhar a morte de ritos fúnebres, a única que crê na sobrevivência ou no renascimento dos mortos. (MORIN, 1997, p. 13)

Se na primeira metade do século XIX a morte representava um acontecimento social, ou seja, as pessoas morriam em casa, rodeados pela família e pelos amigos, atualmente, a morte tornou-se um evento isolado, distanciado dos sujeitos, acompanhados pela solidão de setores hospitalares que a escondem, tornando-a um momento impessoal, frio, vivenciado por pessoas normalmente inconscientes, internados em setores hospitalares como as Unidades de Terapia Intensiva. (BERTOLLI, 2009).

Para Kovács (2008) o desenvolvimento tecnológico da medicina que possibilitou a cura de inúmeras doenças, provocou um equívoco que persiste e se amplia na contemporaneidade, e este consiste na ideia de que a morte pode ser combatida, retirando-a no contexto do lar, para ser vivenciada nos espaços tecnológicos dos hospitais. “As melhorias trazidas pela medicina tem aumentado a expectativa de vida, soando como um despropósito falar de morte a quem tem as descobertas da ciência a seu favor” (VOMERO, 2006, *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 14).

É comum nos estudos sobre a morte, a afirmação de que nos dias atuais, um dos fatores determinantes para a mudança diante da morte na sociedade moderna foi o deslocamento do lugar da morte. A maioria dos indivíduos que estão prestes a morrer passam a última etapa de suas vidas em um hospital das grandes cidades. Para Kübler-Ross (1981, p. 19) “[...] hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos [...]. Morrer se torna solitário e impessoal porque o paciente não raro é removido de seu ambiente familiar e levado às pressas para uma sala de

emergência”. Para a autora, a ciência e a tecnologia proporcionou melhores meios do indivíduo e de sua família se prepararem para o acontecimento inevitável que é a morte. Mas acontece justamente o contrário, pois já se vai longe os dias em que era permitido a um homem morrer em paz e dignamente em seu próprio lar. Corroborando com esse pensamento, Morin (1997, p. 13) afirma que ciências do homem negligenciam sempre a morte. Contentaram-se em reconhecer o homem pelo utensílio, pelo cérebro e pela linguagem.

De acordo com Franco (2010) a modernidade retirou da morte sua face integradora, instituindo-lhe uma face maléfica, demoníaca e covarde, fazendo com que a negação da morte se torne um elemento característico da sociedade moderna. Ao alcançar o status de algo pecaminoso, contagioso, evita-la torna-se a estratégia para afastá-la por mais tempo.

Em seus estudos sobre a morte Klübler-Ross (2008) nos alerta para o fato de que o homem não tem interesse em pensar o seu fim de vida na terra, só ocasionalmente o mesmo lançara um olhar sobre sua finitude, e isto decorre do fato de que a morte está associada a dor, a angústia, a separação, a solidão, a alienação e o temor do desconhecido, sentimentos estes alimentados ainda mais pelo fato do vocábulo morrer ou morte está envolvido em uma grande e densa nuvem de terrores e falsas ideias, muitas vezes distantes da realidade, mas que nos foram inculcados pela cultura.

Essa estratégia de interdição da morte faz com que a mesma seja distanciada dos processos de vida dos sujeitos, sua interdição acontece inclusive nos processos comunicativos, nos quais falar sobre a morte é sempre um problema, gerando silêncios, inquietações, choros e pedidos para que se mude de assunto. Corroborando com essa ideia, Elias (2001), mostra-nos que a morte tem sido empurrada para os bastidores da vida social. Não deve ser falada, ou menos pensada. Os filhos crescem bem distantes da morte e quando se deparam, por acaso, com alguma ocasião na qual a morte esteja presente, os pais emudecem. Falta-lhes vocabulário ou mesmo evitam se expressar por medo de transmitir suas angústias aos filhos, abortando qualquer possibilidade de fazê-los pensar sobre o fim de tudo que os cerca.

Entretanto, um grande paradoxo encontra-se presente no cotidiano da sociedade atual. A morte, caracterizada como um evento extremamente interdito, distanciada do espaço de comunicação das pessoas, vem se tornando um fenômeno cada vez mais presente na vida dos sujeitos. O aumento significativo das notícias relacionadas a violência nas ruas, homicídios, acidentes, desastres, catástrofes e suicídios que aconteceram pelo mundo, principalmente pelos

meios publicitários, faz com que a morte se torne uma companheira na vida das pessoas. Com a explosão midiática, a morte passa também a ocupar o dia-a-dia de crianças, adolescentes e jovens, invadindo seus imaginários, sem, entretanto, ser aberto espaços para o diálogo sobre a mesma.

Nesse contexto, passam a existir notícias de mortes que são explicitados por crianças e adolescentes no contexto da escola, entretanto, a continua interdição que envolve a temática faz com que toda a comunidade escolar, com destaque para os professores, negligencie a situação, destituindo assim a possibilidade de um diálogo capaz de colaborar com o momento de perda presente seja no espaço privado de vida desse sujeito ou mesmo no seu espaço coletivo de convivência humana.

Com todas as mortes tão próximas, ainda ocorrem graves distúrbios na comunicação, mais particularmente a conspiração do silêncio. Observam-se pais que não sabem se devem falar sobre a morte de um parente próximo; professores que não sabem lidar com crianças que viveram perdas familiares, principalmente quando ocorrem situações de morte dentro do ambiente escolar, envolvendo alunos, professores e demais funcionários. (KOVÁCS, 2008, p.194)

Nesse cenário, ao falarmos sobre a morte, seja a própria, de um ente querido ou mesmo de alguém desconhecido, normalmente, somos tomados por sentimentos e reflexões que embora sejam diferentes entre as pessoas, carregam como característica comum a dificuldade para lidar com a partida, com a ausência e com o sofrimento que a morte provoca.

Ao se calar diante da morte, percebe-se também o distanciamento das discussões sobre o luto, um processo natural e saudável diante das perdas significativas, um “tempo” de reações psicológicas, físicas, cognitivas, sociais e espirituais como, por exemplo, necessidade de adaptação à ausência da pessoa que morreu, o que, por vezes, pode ser difícil sem o apoio de profissionais que acolham e permitam as expressões do sofrimento psíquico característico de tal experiência, levando ao desencadeamento do luto complicado, que é definido como o processo de intensificação do luto, no qual a pessoa se sente sobrecarregada, recorrendo a comportamentos mal adaptados ou permanecendo no luto sem perspectiva de progressão ou saída do mesmo.

Torna-se importante destacar que as dores das perdas e os sofrimentos gerados a partir destas, bem como o luto, não estão relacionados somente nas situações de morte. Cotidianamente as pessoas lidam com perdas relacionadas a derrotas e fracassos pessoais, as frustrações profissionais, os fracassos sentimentais, os desejos de posse, doenças graves,

levando a sofrimentos psíquicos que podem desencadear sérios problemas a saúde mental dos mesmos (TAVERNA; SOUZA, 2014).

Distanciar a morte da vida das pessoas, bem como negligenciar os espaços de diálogos sobre o luto, como se esses não fossem parte do processo viver, gera muitos problemas, principalmente no que se referem ao enfrentamento dos medos, dúvidas e angustias que a permeia. Entretanto, como enfrentar o silêncio que hoje blinda a morte, e faz com que a mesma ocupe os porões sociais dos espaços de convivência humana? Como superar o processo de banalização da morte escancarada nos meios de comunicação, sem que a mesma se torne um “monstro” a ser evitado com todas as armas construídas pelos homens, principalmente os homens da ciência? Como restituir a morte o seu papel integrador da vida, fazendo com que a finitude possa ser percebida pelos sujeitos como uma condição inerente à vida, e que, portanto, precisa ser pensada tanto quanto outros momentos da vida? Que caminhos são necessários para que possamos reumanizar a morte, trazendo-a para o espaço de vida dos sujeitos? Como restituir o diálogo entre *Eros* e *Thanatos* no contexto de vida das pessoas?

Alguns estudos construídos recentemente apontam algumas possibilidades de respostas a esses questionamentos, entre eles, vem merecendo destaque os trabalhos de Kovács que tratam do que a autora denomina de Educação para a Morte.

Educação para a morte é o estudo sobre a possibilidade do desenvolvimento pessoal de uma maneira mais integral, no sentido entendido por Jung (1960) como individuação, como desenvolvimento interior que se propõe durante a existência, que também pressupõe uma preparação para a morte. Segundo o autor frequentamos escolas por mais de vinte anos de nossa existência e assim nos preparamos para a vida social. Da mesma forma, deveríamos, também, nos preparar, pelo menos “vinte anos”, para o fim da nossa existência. (KOVÁCS, 2008, p.193).

No contexto da Educação para a Morte, proposta por Kovács, novos questionamentos tornam-se pertinentes, afinal, estariam os nossos educadores preparados para enfrentar o desafio de refletir sobre a morte e todas as suas repercussões nas vidas dos sujeitos? Caberia a escola a responsabilidade por assumir esse processo educativo para a morte? Muitas outras questões povoam o nosso imaginário no que diz respeito à necessidade de se construir estratégias de enfrentamento para que tenhamos um processo de educação para morte, que aos nossos olhos, deve caracterizar-se como uma estratégia de desenvolvimento pessoal a partir do autoconhecimento e cultivo do ser, e, portanto, deve acontecer em todos os espaços de aprendizagem e vida dos sujeitos, entre eles a escola, que não pode se furtar a responsabilidade

de construir canais de diálogos capazes de fazer refletir sobre a morte, o morrer o luto dos sujeitos que nela estão inseridos.

Diante do cenário apresentado, o estudo que apresentamos tem como objetivo refletir sobre a morte, o morrer e o luto como experiências de aprendizagens da condição humana. Ao aproximar esses temas do contexto de vida das pessoas, permite-se que possamos pensar a vida em sua inteireza, afinal, essas experiências são inerentes a condição humana e precisam compor o corolário de discussões sobre o viver em toda a sua complexidade.

É importante destacar que os paradoxos que aqui são evidenciados, além de realçarem o quanto o tema é intrigante, desautoriza reflexões unilaterais, explicações objetivas demais e apressadas. O ser humano se move no mundo a partir dos significados que lhes foram transmitidos ou adquiridos ao longo do tempo. Esses significados, por sua vez, determinam e são determinados à medida que as relações, afetuosas ou não, são consolidadas. A morte, o morrer e o luto questionam a experiência imediata com esses significados, por isso são temas envoltos por proibições.

A Morte e a Consciência que ela Desperta

A morte é o destino dos vivos, de modo que vida e morte não são experiências excludentes: uma desperta a consciência da outra e as duas se qualificam mutuamente, porque são polos da mesma existência que as possibilita e as compreende, ou seja, “morre-se por ser mortal, morre-se por viver, por ter vivido. A morte, ou a angústia da morte, ou a certeza da morte, é o próprio sabor da vida, seu amargor essencial” (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 49). Nasce-se para morrer e toda vida humana consiste no esforço de lidar com essa realidade para por ela não ser arruinado antes do tempo e garantir a condição de sujeito.

A ideia da morte e o medo que ela inspira perseguem o animal humano como nenhuma outra coisa. É uma das molas mestras da atividade humana – atividade destinada, em sua maior parte, a evitar a fatalidade da morte, vencê-la mediante a negação de que ela seja o destino final do homem (BECKER, 2015, p. 11).

Conquanto ousado, esse esforço é extremo e inquietante, afinal, enquanto se vive, a morte é apenas uma questão de tempo e sorte, verdade que a vida e suas imprecisões revelam ao animal humano que, sabendo do seu suplício e não tendo outra coisa a fazer, busca afirmar sua condição de vivo buscando mais vida e, tendo que organizar sua estrutura psíquica para tal, arcar com o ônus implícito a esse seu movimento. O custo é alto, porque carrega consigo as

angústias e os temores ligados à constituição do ser, exatamente aquilo que caracteriza o humano:

Ao mesmo tempo que o temor da morte está presente no funcionamento psicológico normal do nosso instinto de autopreservação, também é total o nosso esquecimento desse temor em nossa vida consciente. [...] O organismo funciona ativamente contra a sua própria fragilidade, ao procurar expandir-se e perpetuar-se; em vez de encolher-se, ele se desloca em direção a mais vida. [...] Dessa maneira, parece que o medo da morte pode ser cuidadosamente ignorado ou realmente absorvido pelos processos de expansão da vida BECKER, 2015, p. 37, 42-43).

É nesse sentido que o Comte-Sponville (1997) argumenta que a morte destrói sem atingir, porque enquanto conceito – apenas possibilidade – permanece no horizonte das relações, mas, a despeito dessa relativa distância, realça as fragilidades dos empreendimentos humanos para despertar os temores naturais de quem se percebe ameaçado por aquilo em relação ao qual nada se pode fazer. Entregue a essa trama, tendo que responder de maneira imediata às aflições de ser finito, o homem não pode suportar toda a angústia que essa responsabilidade comporta, por isso cria para si ferramentas, meios para aliviar sua agonia e atribuir sentido a essa sua condição frágil: as religiões, os mitos, os ritos, o cultivo das virtudes, o amor, a estética, a arte, o jogo, o divertimento são exemplos que, efêmeras como todos os projetos do homem, essas coisas criadas são aquelas pelas quais a vida se caracteriza: são produzidas e na mesma medida produzem, distinguem o homem, qualificam sua existência e a esta emprestam significado.

Esse temor, traço de toda a vida humana, não pode ser outro se não o terror do aniquilamento do Eu, e o que se nomeia “Eu” nada mais é do que um pacote de memórias compostas por todos os atos pessoais passados, todos os atos anteriores da família, da sociedade e do mundo nos quais os sujeitos estão inseridos (LELOUP, 2011) e a partir dos quais esses mesmos sujeitos se definem. Dito de outro modo, “o horror da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda da individualidade” (MORIN, 1988, p. 32), que é exatamente aquilo distingue e permite distinguir outros, de modo que, desde que começa saber de si, o homem não tem como se desvencilhar do temor suscitado por sua condição físico-temporal:

A consciência da morte o acompanha desde a infância como consciência da destruição absoluta do seu único e precioso tesouro, seu Eu; não menos terrível é a morte dos entes queridos que fazem parte do nosso ser. A realidade, então, tem características horríveis. O ser humano está entregue à crueldade do mundo (MORIN, 2012, p. 142).

Para o homem, a perda do *self*, a extinção daquilo que o referencia, consiste na pior das ameaças, porque o conduz à impotência, retira seu domínio, sua capacidade de influir pessoalmente sobre as pessoas, os fatos e as circunstâncias. Ora, a condição de sujeito não é

outra se não a da percepção de si e dos outros com os quais a vida e o próprio cotidiano se estruturam. Sendo assim, morrer, deixar de existir, significa perder todas essas prerrogativas que — inculcadas, transferidas ou conquistadas — foram responsáveis por possibilitar e atribuir significado a tudo mais durante a existência. O medo da morte, então, supõe a perda da autonomia e da dignidade, elas mesmas obtidas pela concepção e afirmação da identidade. Teme-se a morte, destarte, por temer a contingência, a experiência da vacuidade, da anonimidade, do não conseguir ser o que sempre se foi.

Seria ingenuidade dizer que as pessoas possuem total clareza de quem são, porque sobre si mesmas elas têm apenas percepções e estas sempre estarão condicionadas pelos limites que o espaço, o tempo e os afetos estabelecem. Apegados às suas identificações confundidas como identidades, os sujeitos pensam ser aquilo que projetam ou aquilo pelo que são reconhecidos, pela reputação. Assim, reduzem o Eu a meras imagens e exterioridades e, por conseguinte, interditam a morte, tornam-na assunto impróprio, porque ela, a morte, traz à tona o âmago das relações para revelar seus defeitos, coisa que a sociedade contemporânea dada à euforia e à busca desenfreada por felicidade evita a todo custo:

O tabu da morte é um tabu da intimidade. Com efeito, se começamos a observar a realidade da morte é para as profundezas de si que o olhar se dirige. E é essa interioridade que nossa sociedade evita e dissimula tanto quanto pode. [...] É exatamente esse olhar interno capaz de ver além das aparências que é encoberto por nossa sociedade extrovertida (HENNEZEL; LELOUP, 2012, p. 45).

Mesmo sendo assim — e nisto reside o paradoxo e a beleza das relações humanas — a consciência angustiada humaniza o homem e seus apegos, pois estimula a expansão das suas perspectivas e o faz atribuir valor a outros, pois “tudo que nos leva a cuidar uns dos outros, a sacrificar-nos e a fazer gestos sublimes e heroicos depende da constatação de que somos vulneráveis e transitórios, com direito à fugacidade das coisas deste mundo” (SCRUTON, 2015, p. 15). Se não estivesse exposto aos perigos da morte, o homem sequer precisaria do seu senso de responsabilidade com a prole, com aqueles com os quais estabelece vínculos; estaria circunscrito a seu narcisismo estrutural, afinal “é a transitoriedade da vida que engrandece o amor. Quanto maior o risco, mais forte se torna o vínculo” (PARKES, 2009, p. 11), de modo que é a partir dessa constatação que o luto se desenvolve, pois este nada mais é que a expressão dos afetos. A morte e sua imponderabilidade, pois, qualificam a existência:

A morte trabalha o espírito humano. [...] O encontro entre a consciência de si e a consciência do tempo determina a consciência do viver no tempo e de dever enfrentar a morte. Essa consciência implica os seres amados. A ideia da morte dos seres amados,

e das amadas, aumenta a angústia e o desfecho traz, além do mais, uma dor insondável. O trabalho da morte sobre o espírito humano o leva a questionar-se sobre os mistérios da sua existência, de seu destino, da vida, do mundo. E, enquanto diante da morte ele se abre para o infinito e para o mistério, o espírito diante da Natureza se abre para o mundo (MORIN, 2012, p. 48).

Objeto de estudo e reflexão das mais variadas áreas do conhecimento, a morte e suas implicações são tão complexas quanto à própria natureza humana, de modo que não podem ser compreendidas sem uma análise interdisciplinar, afinal tratar desses temas é, sobretudo, ter que se apropriar de conceitos e significados diversos que, a depender da natureza e das metodologias de cada área, variarão conforme os objetivos propostos. Se permanecerem isolados, sem se permitirem influenciar mutuamente, como se fossem incompatíveis, os saberes disponíveis incorrerão no risco de passarem ao largo de questões essenciais à compreensão da morte enquanto realidade inelutável, para os morrentes e seus acompanhantes atravessados por múltiplos afetos que nos consultórios ou leitos terminais

A angústia, a melancolia, a brevidade da vida, a senilidade, a alegria, a tristeza, o saber lidar com as contingências, as expectativas direcionadas a uma suposta ultravida, os apegos, a dinâmica dos afetos são elementos que, além de determinar processos e percepções, permeiam a discussão e extrapolam os limites e alcances das ciências médicas, por exemplo. Não por acaso a Filosofia, a Psicanálise, a Psiquiatria, as Ciências Sociais e da Religião, ao longo das suas histórias, discutiram – ainda discutem – esses assuntos e seus efeitos com bastante propriedade, pois, conforme demonstrado pelo Edgar Morin (2012), na morte se encontram, combinam-se e se sucedem a racionalidade, a afetividade e o mito, de modo que por ser assim a totalidade das características humanas são mobilizadas, e essa totalidade jamais pôde e poderá ser esgotada por uma forma isolada de conhecimento.

O Morrer, o Fracasso das Tentativas e os Limites da Medicina

Morrer é a “antecipação autoconsciente da morte iminente” (KELLEHEAR, 2016, p. 15-16); é constatar que todas as tentativas anteriores de salvar a si, o destino, controlar as contingências foram em vão, mesmo que essas tentativas tenham sido as mais sofisticadas possíveis. Desenganado por um médico, o morrediço passa de um estágio meramente conceitual sobre a morte para, paulatinamente, experimentá-la nas emoções, no corpo, concretamente, com todos os efeitos biopsicossociais deprimentes do momento, que podem se prolongar por muito tempo e deixar marcas indelévels, até depois da morte.

O leito de hospital não presencia apenas a decomposição de corpos, de organismos vivos, mas sim — e isto pode fazer toda diferença nos desdobramentos da doença — a deterioração de uma biografia que, além de afetar o enfermo autoconsciente, atinge seus entes queridos e desarranja as suas representações de mundo, seus apegos, seus significados, seus compromissos, suas expectativas até então responsáveis por determinar os convívios e distingui-los. Para os implicados nesse processo, o sentimento geralmente é de desorientação, porque a enfermidade relativiza certezas e toma de assalto o enfermo terminal e os que lhes acompanham. Enquanto padece no hospital, cercado por pessoas para as quais não tem nenhum significado social, o doente pode sucumbir emocionalmente e perder o ânimo até para o próprio tratamento que pretende curá-lo ou permitir melhores condições devida. Para isso a medicina está preparada? Aliás, precisa estar? Se não precisa, o lugar e a congruência dos outros saberes, dos outros discursos, de outras formas de perceber o mesmo problema estão garantidos, simplesmente por eles serem parte constituinte daqueles que sofrem e influenciarem as vivências hospitalares.

Para o Nobeit Elias (2001) o problema da finitude humana é um problema biossocial. Múltiplo tanto quanto a própria constituição dos indivíduos que o produz, acomoda implicações outras que não apenas aquelas destinadas ao funcionamento saudável do organismo, afinal, sendo parte de um meio e sendo resultado desse mesmo meio, os sujeitos não podem ser tratados apenas como máquinas: “concentrar-se em corrigir medicamente órgãos isolados que funcionam cada vez pior só vale a pena em benefício da pessoa dentro da qual esses componentes estão integrados” (ELIAS, 2001, p. 102). Continuar a viver é sempre uma questão relativa aos efeitos que esse viver trará aos arranjos sociais preestabelecidos e em relação aos quais os médicos podem muito pouco.

A tarefa parece por se fazer, pois “quanto mais avançamos na ciência, mais parece que tememos e negamos a realidade da morte” (KLÜBER-ROSS, 2008, p. 11), afinal os eufemismos retóricos, os interditos, as buscas insanas por uma juventude prolongada permanecem facilmente constatáveis, e isso lança dúvidas sobre a suficiência plena dos avanços biotecnológicos nos quais a modernidade passou a confiar como ferramentas de amplificação do bem-estar e prolongamento da vida. A instrumentalização do tratamento dispensado àqueles que padecem deixa a desejar porque não contempla plenamente a complexidade dos sujeitos e o universo de significados assimilado ou construído no qual esses sujeitos foram formados desempenhando

papéis, estabelecendo vínculos, estruturando as próprias vidas e a de outros para criar as identificações sem as quais eles mesmos não poderiam se reconhecer:

Não estou seguro até que ponto os próprios médicos sabem que as relações de uma pessoa com as outras têm uma influência codeterminante tanto na gênese dos sintomas patológicos quanto no curso tomado pela doença. [...] O que fazer se sabemos que uma pessoa preferiria morrer em casa a morrer no hospital, e se também sabemos que em casa ela morrerá mais rapidamente? Mas talvez seja exatamente isso o que ela quer (ELIAS, 2001, p. 102-103).

Sem embargo, os médicos continuam sendo as pessoas mais indicadas para informar ao doente sobre sua situação futura, mas, e isto é próprio da formação e do que deles se espera, não se pode dizer o mesmo em relação ao presente instaurado por seus diagnósticos. Isso porque, ao longo da história, esses profissionais “não demoraram muito a substituir o sacerdote ou a ele se igualar em poder no papel de predileto à beira do leito de morte” (KELLEHEAR, 2016, p. 332). Contudo, substituindo ou estando em pé de igualdade, não atendem os mesmos anseios primitivos da espécie, que os sacerdotes sempre atenderam e provavelmente atenderão: dominam a técnica, mas não a subjetividade, o universo de representações simbólicas dos seus pacientes.

Com a chegada da doença é preciso contar com um repertório de habilidades para administrar a desconexão do antigo modo de vida, a diminuição da satisfação com essa mesma vida, a intimidação do desconforto e da dor, o espectro da invalidez e da morte e a adulteração da identidade promovida pelas mutilações concretas ou simbólicas. Há de se registrar que com o advento das cidades e posteriormente a emergência da classe média, os morrentes passaram a ser consumidores de saúde, pacientes, clientes e, como será mostrado mais adiante, até objeto de pesquisa, porém isso não significa que a atitude principal do morrer seja passiva (KELLEHEAR, 2016):

Não se trata de um conjunto de atitudes e práticas impostas, e sim de uma dança de dois parceiros ativos. O profissional e o cliente conspiram e se encorajam mutuamente contra uma força perante a qual ambos se sentem menos poderosos (KELLEHEAR, 2016, p. 269).

Na esteira dessa discussão, Atul Gawande, médico-cirurgião norte-americano e professor do Departamento de Saúde Pública e Administração da *Harvard Medical School*, tendo a formação e a experiência que tem, expõe as fronteiras ainda não ultrapassadas da sua profissão e as ambiguidades das vicissitudes tão prementes e desafiadoras ao exercício médico — indiscutivelmente indispensável —, porém limitado por sua natureza:

O problema com a medicina e as instituições por ela geradas para cuidar dos doentes e dos idosos não é o fato de terem uma visão incorreta daquilo que dá sentido à vida. O problema é que praticamente não têm visão nenhuma. O foco da medicina é estreito. Os profissionais da área médica concentram-se na reparação da saúde, não no sustento da alma. Porém – e esse é o doloroso paradoxo –, decidimos que são esses os profissionais que devem definir a maneira como vivemos nossos últimos dias. Por mais de meio século, tratamos as provações da doença, do envelhecimento e da mortalidade como questões médicas. Tem sido um experimento de engenharia social, colocando nossos destinos nas mãos de pessoas valorizadas mais por suas capacidades técnicas do que por sua compreensão das necessidades humanas (GAWANDE, 2015, p. 124).

A rigor, “a morte marca, se não o fracasso, pelo menos o limite da medicina” (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 63), porque os avanços biotecnológicos que a fundamentam e a viabilizam, produto de determinada racionalidade mecanicista moderna, invés de serem apenas elogiáveis e indispensáveis coisificaram o homem, supervalorizaram-no como objeto:

À medida que a medicina avança em seu suporte científico, esfacela o ser humano, construindo a sua ação a partir da doença e não do doente, chegando ao ápice de sua fragmentação quando as intervenções operam nas partes que constituem o corpo. O esquiteamento do humano pela anatomia acaba por evidenciar que os valores cartesianos produzidos pelas Ciências Modernas tornaram-se a mola mestra das práticas em saúde no âmbito da medicina oficial (BOSCO FILHO, 2015, p. 16).

Disseca-se o corpo, não os apegos, as personalidades. O morrente não é meramente alguém que tem um problema insolúvel no seu organismo; é, também, alguém que por causa da sua enfermidade e tendo que arcar com um ônus psicossocial incomensurável precisa reestruturar seus planos, seus modos, suas expectativas e seus vínculos.

Com esta problematização, não se pretende ignorar ou negar as pesquisas dos hospitais com doentes fora de possibilidades de cura e as avançadas discussões sobre os cuidados paliativos tão pertinentes a questão, assim como os estudos do luto quando exploram o tema levando em conta os mais variados componentes que o compõem. Pretende-se justamente o contrário: reafirmar o valor dessas práticas e mais uma vez apresentar suas razões de ser para que o lugar de outras atividades, também pertinentes, seja assegurado. Claro, também não se objetiva supervalorizar um saber em detrimento do outro, como se obrigatoriamente houvesse incompatibilidades entre eles ou exigir de um deles o impossível, mas, reconhecendo o lugar e a eficácia de todos eles, integrá-los e torná-los imprescindíveis naquilo que de fato têm contribuições a dar, sem pretensas onipotências ou clivagens contraproducentes.

O Luto e a Formação de uma Nova Identidade para Aqueles Que Ficam

O luto é o preço que se paga pelo compromisso (PARKES, 1998; 2009), pelos afetos, pelos vínculos e é, ao mesmo tempo, a expressão daquele, desses e destes. Como ninguém nasce pronto, porque a “vida humana supõe outras que a geram, que a educam, que a acompanham, que cruzam com ela, que a perturbam, que a fortificam, contra as quais se apoia ou se opõe, se define ou se busca” (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 68), o luto é a outra face da experiência de amar e ser amado. Por mais que a palavra amor possa ter conotações emocionais e os cientistas recusem usá-la, “o amor é o laço psicológico que vincula uma pessoa a outra por longo período. Uma vez estabelecido, esse vínculo dificilmente poderá ser afrouxado” (PARKES, 2009, p. 12).

Há pelo menos três determinantes do luto (PARKES, 1998): (I) relação, gênero e idade; (II) tipo de morte, e (III) vulnerabilidade pessoal. Esses determinantes por si revelam o caráter composto que essa experiência comporta. Por mais que conserve elementos gerais que possibilitam a conceituação, o enlutamento sempre reservará aspectos próprios das vidas e relações afetivas por causa das quais ele existe, de modo que não há compreensão plausível de um luto concreto e seus desdobramentos sem aproximação, a imersão no contexto dos enlutados e a apropriação dos conteúdos desse mesmo contexto, pois cada um desses determinantes pode comportar um trauma diferente.

Não poderia ser diferente: homens, mulheres, jovens, idosos, por serem assim e por possuírem as particularidades das suas condições, não experienciam os pesares da mesma maneira. Morte esperada e morte brutal/repentina/precoce, embora sejam mortes, são experiências radicalmente diferentes, porque o potencial desestabilizador das duas é determinado pelas circunstâncias: quanto mais inesperadas elas forem, maior será a dor gerada (PARKES, 1998), e, a priori, nada garante que as pessoas possuem o repertório necessário para lidar com o sofrimento de uma ou de outra sem, contudo, sucumbir na sua experiência, afinal “todos os lutos são traumáticos, mas alguns são mais traumáticos que outros” (PARKES, 2009, p. 159).

Os determinantes podem se tornar complicadores e evoluir o luto para um estado crônico, atípico, clínico (PARKES, 1998), conduzindo enlutados e aqueles que acompanham o processo a estágios mais complexos de tristeza e depressão. O importante é não estigmatizá-los e oferecer as condições necessárias para o diálogo. Quando este não for possível, as condições necessárias para o cuidado, o tratamento e a compaixão. Quem sofre a dor do luto não sabe ao

certo quem e como será a partir da ruptura que o machucou, e não tem como saber, pois se recusa a aceitar o presente tal como ele se apresenta.

Enquanto o morrer expõe e interpela a identidade dos morrentes, o luto expõe e interpela a identidade dos que continuam a existir. O morrente deixa de existir, mas as marcas do processo que o caracterizou como tal não, e as consequências da partida, a necessidade de reorganizar o mundo construído com e a partir de quem se foi demanda esforços descomunais. Tendo que se estabilizar entre o lamento e o compromisso de voltar à vida, os enlutados precisam preencher vazios até então desconhecidos, e isso lhes consome bastante energia psíquica, o que torna o abatimento e o desespero consequências. É por isso que para Comte-Sponville (1997) o luto é sofrimento e trabalho.

O luto é essa margem de insatisfação ou de horror, conforme os casos, pela qual o real nos machuca e nos pega, com tanto maior força quanto maior é nosso apego a ele. É o contrário do princípio do prazer, ou melhor, isso pelo que, isso contra o que ele fracassa. O luto é a afronta que o real faz ao desejo e que lhe assinala a supremacia. [...] O trabalho do luto, como diz Freud, é esse processo psíquico pelo qual a realidade prevalece, e cumpre que ela prevaleça, ensinando-nos a viver apesar de tudo, a amar apesar de tudo: é o retorno ao princípio de realidade, e o triunfo, por isso – a princípio modesto! –, do princípio de prazer (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 89, 93) [grifos do autor].

As pessoas que sofrem pela partida de alguém percebiam a vida e as coisas de modo peculiar. Esse modo incluía quem se foi e, em certa medida, dele dependia. A ruptura dos laços afetivos que permitiram esse tipo de relação, portanto, constitui um ato de violência. Sem a referência do ente amado e da vida que esse ente de alguma maneira possibilitava, o risco do enlutado não conseguir se identificar e reconhecer as coisas tais como elas eram é grande. Não por acaso, muitos dos que sofrem preferem o isolamento e o desinteresse por coisas antes importantes. Em outras palavras, ninguém permanece o mesmo após os processos de luto:

Quando alguém morre, uma série de concepções sobre o mundo, que se apoiavam na existência da outra pessoa para garantir sua validade, de repente, passam a ficar sem essa validade. Hábitos de pensamento que foram construídos ao longo de muitos anos precisam ser revistos e modificados, a visão de mundo da pessoa precisa mudar (PARKES, 1998, p. 215).

Essa mudança radical obrigatória nos costumes foi denominada pelo Colin Parkes (1998) como Transição Psicossocial (TPS). Para ele, a perda da pessoa amada inevitavelmente cria uma série de discrepâncias entre o mundo interno dos enlutados e o mundo que depois da morte passa a existir. O desafio consiste em encurtar essas distâncias, assimilar as diferenças para, em assimilando e guardadas as devidas proporções, voltar à serenidade furtada pelas alterações

constantes no humor, pela falta de disposição, pela culpa, pelo remorso, pela dificuldade de concentração, pelas ansiedades diversas, pela sensação de vácuo que o rompimento dos laços instalou.

Ante a dor da perda, os que ficam podem optar por serem vítimas ou sobreviventes (D'ASSUMPÇÃO, 2011). Quem escolher ser vítima, e apenas isso, tenderá à autocomiseração e viverá em função do seu sofrimento. A essa opção nenhuma convivência resiste incólume por muito tempo. Escolher ser sobrevivente, porém, consiste na recusa de encerrar a vida à agonia e à amargura do momento. Sobreviver, então, significa defender-se. Não que isso seja fácil por conta própria, afinal a pessoa enlutada está em estado de entorpecimento e pode precisar de ajuda para as coisas mais simples (PARKES, 1998), o que revela o essencial, mas quase sempre negligenciado: para ser bem administrado, o luto precisa ser um processo partilhado, porque a solidão pode intensificar a dor e turvar as concepções.

A dor de uma perda é tão impossivelmente dolorosa, tão semelhante ao pânico, que têm que ser inventadas maneiras para se defender contra a investida emocional do sofrimento. Existe um medo de que se uma pessoa alguma vez se entregar totalmente à dor, ela será devastada - como que por um maremoto enorme - para nunca mais emergir para estados emocionais comuns outra vez (SANDERS apud LEAL, 2012, p. 10).

O esforço, então, deve ser o da Resiliência, “a arte de navegar em torrentes” (CYRULNIK, 2003, p. 225) e saber discernir os tempos e as condições para encontrar as saídas, os meios de superação. Segundo o autor, a resiliência pressupõe dois componentes essenciais: o apoio e o sentido (CYRULNIK, 2012). Quem sofre a dor da separação ou de qualquer outro trauma atroz precisa de cuidados e de razões para assimilar as perdas. Eis aí outra razão para definir o luto como uma experiência que necessita se viver em conjunto. O isolamento priva os sujeitos de perceberem a vida para além das distorções fabricadas pelas dúvidas circunstanciais e pela saudade. Enclausurar-se é potencializar o efeito destrutivo do rompimento dos laços afetivos. Disso, familiares, amigos e acompanhantes devem saber para, à medida do possível, tentar livrar seus enlutados.

Os vínculos, os apegos, são a fonte de segurança para lidar com os estresses e as incertezas da existência (BOWLBY apud PARKES, 2009). Neles e por eles, as pessoas também se reconhecem e encontram sentido para as coisas. Ser feliz, trabalhar, conquistar, viver, criar, além de pressuporem outros, só valem à medida que podem ser compartilhados. Assim, se o

luto é a reação ao rompimento dos laços afetivos, sofrer por causa da partida de outros, ele marca o fracasso do egoísmo.

Em suma, o luto é resistência à mudança. Sem o mínimo de estabilidade e rotina possível, o homem não sabe como viver. Para tanto, as coisas e as pessoas precisam estar e ocupar nos seus devidos lugares. Os ritos fúnebres, essa maneira cerimonial e relativamente lenta de se despedir de quem partiu, representa essa inabilidade humana para lidar com movimentos bruscos de mudança. Tão necessários quanto chorar e lamentar, esses ritos prestam um serviço simbólico importante aos que sofrem. Se não existissem, a dor da separação seria muito mais abrupta, e isso, obviamente, dificultaria todo o processo posterior, o luto.

Palavras para finalizar...

Embora interdependentes, a morte, o morrer e o luto são experiências distintas que possuem implicações peculiares em relação às quais qualquer discussão relevante não pode se desvencilhar. A rigor, a morte permanece sempre distante da experiência imediata, é um evento, conceito contra o qual, por instinto de autopreservação, construímos uma série de interditos e defesas para tornar a existência um tanto mais suportável. A segunda é um processo que, uma vez desencadeado pela velhice ou pelos efeitos de uma doença terminal, torna real aquilo que antes era somente possibilidade para desafiar profissionais e familiares. O luto, por sua vez, também é um processo, mas, diferentemente do morrer, atinge apenas os vivos, os sobreviventes, e isso que é teoricamente simples carrega uma série de variações que tornam a experiência tão singular quanto as duas primeiras.

A morte, o morrer e o luto são experiências do vivo: existem porque, antes, existe a vida que as possibilitam. Pensar as questões que esses temas suscitam é, sobretudo, refletir sobre como o homem lida com sua transitoriedade. Da ciência à religião, sobram explicações, porém, por vezes, essas explicações não dialogam e permanecem fechadas nas suas abordagens. Isso reduz o debate e desconsidera a complexidade dos sujeitos e dos temas. Sem precisarem abrir mão daquilo que lhes é caro, essencial, os conhecimentos podem cooperar uns com os outros. São os dilemas humanos e as respostas necessárias a esses dilemas que estão em jogo.

A finitude humana e o desespero que a consciência disso produz, traz desafios aos sujeitos que precisam, urgentemente, coloca-las em suas pautas de reflexões, afinal, ao exercitar as narrativas sobre a morte, o morrer e o processo de luto, estes possibilitam viver aprendizagens

importantes, principalmente no contexto da inteireza do ser e da sua complexa condição humana.

As aprendizagens produzidas a partir das reflexões sobre esses temas precisam ocupar os diversos lugares da convivência humana. A morte e suas implicações precisam voltar à mesa da sala de jantar, aos almoços de domingo, aos cenários das escolas, dos parques, ou seja, aos espaços onde a vida acontece. É preciso ficar atento as lições que a morte, o morrer e o processo de luto tem a nos oferecer para que possamos reconstruir a condição humana, tão devastada pelas fragmentações que ainda operam no processo de viver contemporâneo.

A espécie humana continuará a sofrer os golpes da existência e criar mecanismos para aliviar os efeitos desses golpes. Sem saber com precisão a razão de ser de alguns acontecimentos, mas dominando a técnica, viverá no limite das suas possibilidades. Continuará estabelecendo vínculos, projetando, alegrando-se e amando, mas sempre terá que conviver com a sombra da sua finitude. Quanto a isso, ninguém precisa se desesperar: ela, a espécie, graças a seus deuses e a sua técnica, está adaptada. Não é à toa que ainda existe.

Referências

- BECKER, Ernest. *A negação da morte*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- BOSCO FILHO, João. *As lições do vivo: ciências da vida e complexidade*. 2ª Ed. Natal: EDUFRN, 2015.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- COMTE-SPONVILLE, André. *A vida humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Bom dia, angústia!*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CYRUNILK, Boris. *Dizer é morrer: a vergonha*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- CYRUNILK, Boris. *Resiliência, essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- D' ASSUMPÇÃO, Evaldo. *Sobre o viver e o morrer: manual de Tanatologia e Biotanatologia para os que partem e os que ficam*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ELIAS, Nobert. *A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GAWANDE, Atul. *Mortais: nós, a medicina e o que realmente importa no final*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- HENNEZEL, Marie de. LELOUP, Jean-Yves. *A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*. 11ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

- KELLEHEAR, Allan. *Uma história social do morrer*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- KLÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LEAL, Andreia Dias. *A experiência de perda e o processo de luto: o papel de uma unidade de cuidados paliativos*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2012. Disponível em http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16754/1/Documento%20disserta%C3%A7%C3%A3o_AndreiaDiasLeal.pdf, acesso em 16/07/2017.
- LELOUP, Jean-Yves. *Além da luz e da sombra: sobre o viver, o morrer e o ser*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MESLIN, Michel. *A experiência humana do divino: fundamentos de uma antropologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. 2ª ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.
- MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade – identidade humana*. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- PARKES, Colin Murray. *Amor e Perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus, 2009.
- PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1998.
- SCRUTON, Roger. *As vantagens do pessimismo: o perigo da falsa esperança*. São Paulo: É Realizações, 2015.
- TAVERNA, Gelson, SOUZA, Waldir. *O luto e suas realidades humanas diante da perda e do sofrimento*. Caderno teológico da PUCPR, Curitiba, v.2, n.1, p.38 - 55, 2014.

Autores:

Paulo Sérgio Raposo da Silva

Licenciado em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Rio Grande – UERN. Ex-Bolsista PIBIC/CNPQ em projetos de Iniciação Científica do Curso de Ciências da Religião da UERN.

E-mail: pauloraposo10@gmail.com

João Bosco Filho

Enfermeiro. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Mestre em Enfermagem com área de concentração em Saúde Pública pela Universidade Federal do Paraíba; Docente Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Docente do Curso de Enfermagem Uninassau/Natal. Membro do Grupo de Pesquisa Marcos Teóricos e Metodológicos Reorientadores da Educação e do Trabalho em Saúde. Pesquisador Permanente do Grupo de Estudos da Complexidade. Natal/RN, Brasil.

E-mail: boscofilho38@gmail.com

Josineide Silveira de Oliveira

Pedagoga. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Docente Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Pesquisadora permanente do Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM/UFRN.
E-mail: josilveira02@gmail.com

Claudia Millena Coutinho da Câmara

Psicóloga clínica; Mestre em Psicologia- UFRN; Idealizadora e membro do Núcleo de Apoio Apego e Perdas – referência em atendimento e capacitação de questões referentes à perda/morte/luto; Member of IWG – International Work group on death, dying and bereavement – a partir de 2015; Especialista em Terapia familiar e de casal – Instituto Libertas –Recife-PE; Especialista em luto e suas implicações clínica e institucional – Instituto Quatro Estações- SP; Especialista em Psicologia Hospitalar pela FMUSP e pelo NÊMETON- SP; Especialista em Psicologia Clínica com foco em Gestal-terapia pelo IGT-PE; Curso de Intervenção psicológica em situações emergenciais pelo Instituto Quatro Estações-SP; Idealizadora e responsável pelo Serviço de Psicologia do Luto no Grupo Vila- Cemitério Morada da Paz-RN *por 06 anos.*
E-mail: millenaccamara@hotmail.com